

## A Comunicação e suas Teorias: Pensar com, ou de como Pensar Compreensivamente<sup>1</sup>

Dimas A. Künsch<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### RESUMO

O ensaio retoma, amplia e em alguma medida aprofunda certos pontos de vista que servem como base para a construção de um pensamento de matriz compreensiva, no espírito daquilo que o termo compreensão originariamente evoca: a inclusão e, numa acepção mais ampla, a democracia de sentidos. O texto inicia com uma crítica a um certo clima de desalento nos ambientes em que se debatem o objeto científico da Comunicação, suas teorias e metodologias. Na sequência, a reflexão avança no sentido de sugerir um conjunto de noções teóricas que o autor julga capazes de provocar uma mudança de atitude cognitiva, em Comunicação como em outras áreas de conhecimento. E conclui pela necessidade de se deslocar o eixo do pensamento comunicacional do signo da explicação, dominante, para o signo da compreensão, mais aderente, este último, ao sentido forte que o termo comunicação exprime e sugere.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; teorias da comunicação; compreensão; pensamento compreensivo.

Se a custo choram estas donzelas  
Sem conhecer o morto, tão artificial,  
Receberá com justos juros no funeral  
Quem for prantear as mortes delas?

Francisco Libânio<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mail: dimas.kunsch@gmail.com.

<sup>3</sup> Em <http://franciscolibanio.blogspot.com.br/2009/12/das-carpideiras.html>. Acesso em 26 de junho de 2012.

## Da arte de carpir defunto vivo

“Apressem-se e levantem sobre nós o seu lamento, para que os nossos olhos se desfaçam em lágrimas, e as nossas pálpebras destilem água.” O apelo do profeta Jeremias (9.18) às “profissionais do choro”, ou carpideiras, traz à memória um ofício bem tradicional dos tempos bíblicos, cuja existência se deixa comprovar em textos e iconografias de Israel ao Egito e à Assíria, da Grécia à Roma Antiga, com suficientes registros também no Brasil português e, inclusive, atual.<sup>4</sup> Paga-se para que alguém, quase sem exceção mulheres, chore o morto e lhe devote o mais ardoroso luto possível. De novo, Jeremias (9.20): “Ouvi, pois, vós, mulheres, a palavra do Senhor, e os vossos ouvidos recebam a palavra da sua boca; ensinai o pranto a vossas filhas; e, cada uma à sua companheira, a lamentação”.

O ofício do pranto e da lamentação faz lembrar, de algum modo, coisas estranhas que ocorrem com indesejável frequência no mundo semovente da Comunicação. Nesse mundo, cuja estatura intelectual e cognitiva não nasceu ontem, uma suposta indigência teórico-epistemológica aprecia, demais, o auxílio virtuoso dos conceitos. Como o conceito de “campo” (Bourdieu), por exemplo, repetido à exaustão, tendo com o tempo se cristalizado como remédio universal, utilizado a torto e a direito no combate a males, reais ou fictícios, para os quais, de fato, outra coisa não se faz que buscar o tempo todo remédio. Estranho, isso. Mas o conceito, em ciência como em filosofia, cumpre bem essa função. Tranquiliza corações e mentes. Mal utilizado, perdida sua envergadura teórica, escamoteia todo tipo de fragilidades. Evita perdas de tempo com a dispersão. Consolida.

O pranto e a lamentação do “campo” e sua indigência, moral mais que teórico-epistemológica, se fazem nota dominante em livros os mais diversos da área de Comunicação, como em diferentes fóruns de pesquisa e debate. Reclama-se à vontade. Briga-se, de alguma forma, quando um feiticeiro qualquer anuncia ter-lhe sido revelada a fórmula mágica do desencantamento, a chave do mistério. Isso ocorre, e como ocorre!, lá onde e toda vez que a pergunta se levanta sobre qual é mesmo, de fato, enfim, afinal, pelo amor de Deus, o objeto da Comunicação. Sem objeto, pontificam os teóricos mais aguerridos, não há ciência. Não há disciplina. A anarquia teórica, analítica e empírica se instaura.

---

<sup>4</sup> A peça “As Centenárias”, exibida em 2007, com Marieta Severo e Andréa Beltrão (escrita por Newton Moreno e dirigida por Aderbal Freire-Filho), conta a história de duas carpideiras do Nordeste brasileiro. A atriz Itha Rocha é de longe a carpideira mais conhecida no Brasil, com ampla exposição na mídia televisiva e no mundo das redes.

A obsessiva caça pelo objeto, nunca até hoje de fato encontrado, se faz parceira de outra busca, tão empenhativa e suada quanto. Trata-se da procura compulsiva pelas teorias do “campo” – se é que teorias há, como se perguntam alguns, ou se é que não há teorias demais, como supõem outros, vãs teorias. De um ou de outro modo sofre o “campo” científico da Comunicação: no primeiro caso, de desnutrição teórica aguda e, no segundo, de obesidade mórbida. Em ambos os casos, pensam-se as teorias como se elas deversem responder, com rigor infinito, sem margem alguma para dúvidas, a todas as perguntas possíveis e imagináveis que o objeto – que não se sabe qual é, mas que existe, existe – propõe ou que lhe são propostas. Deusas teorias: onividentes, oniscientes, onipotentes.

Vistas as coisas desse modo, um sentimento negativo de irrelevância, uma sensação de desalento acaba por contaminar o ofício e abalar os ânimos do pesquisador de um “campo” que, todos parecem concordar, se constitui como campo, mas que, às vezes mais e às vezes menos, não se sabe de verdade que campo é. Quem quer que se aproxime do campo de estudo da Comunicação, reclama um autor, “depara com um número tão grande de alternativas na definição do objeto de estudos e com um universo teórico de tal forma desarticulado e conflituoso que a reação é, invariavelmente, de perplexidade e desalento” (LIMA, 2004, p. 19). Parte esse mesmo autor, em sua obra, da constatação de que “o campo de estudo da Comunicação Social é desarticulado, conflituoso e vive em permanente crise teórica” (IDEM, p. 21). Eis aí o cartão de visitas oferecido a quem pretende se aventurar por esses mares.

A metáfora das carpideiras é forte, naquilo que ela possui de promessa hermenêutica no contexto da situação, com algum evidente exagero aqui descrita, de maior ou menor calamidade intelectual, de opção pela choradeira. Mas é também fraca, essa mesma metáfora, quando se leva em conta que não há, propriamente, nenhum morto por cuja morte se chorar. Não há. Um resquício qualquer de lucidez intelectual pode ser suficiente para se constatar que o mundo gira hoje, e vive cada vez e sempre mais, sob o signo eloquente da Comunicação, provavelmente tanto quanto da incomunicação, quaisquer que sejam as noções, conceitos, definições e percepções sobre o alcance e os significados da “revolução” em curso. A crítica àquilo que Morin (2000) chama de “inteligência cega”, não apta a “organizar o conhecimento” (MORIN, 2000, p. 35), lembra o tema de uma famosa telenovela brasileira, *O Bem Amado*, exibida pela Globo em 1973: na cidade de Sucupira, o prefeito (Odorico Paraguaçu) constrói um cemitério, mas não consegue defunto algum para

inaugurá-lo. A imagem é mais ou menos a seguinte: pode até haver (clima de) cemitério no “campo”, mas não há morto para se enterrar. Qual o sentido, então, das carpideiras?

As lamúrias teórico-epistemológicas, com suas marcas tanto visíveis como invisíveis, poderiam também ser comparadas a um comportamento bem conhecido entre pesquisadores iniciantes, às vezes até de mestrado e de doutorado: sente-se prazer na afirmação de que “não existe bibliografia”, ou de que “o tema ainda não foi estudado por ninguém”. Ineditismo total! E é assim que, no admirável mundo novo da Comunicação contemporânea, não-compreensivamente, continua-se a lamentar e a se sofrer por causa das ausências: de um objeto, de teorias, de conceitos claros e, exige-se, muito bem definidos, de método... O mau humor reinante reverbera cursos de graduação e de pós-graduação adentro e afora. Mestres parecem dar ouvidos à voz do profeta: “Ensinai o pranto a vossas filhas; e, cada uma à sua companheira, a lamentação”.

O estranho de que se falava antes possui, sim, lastro histórico, ainda que invertido. A erudição arrogante segue disposta a fazer tábula rasa da história, insistindo em não ver nada onde muita coisa há para ser vista. Não se tecem sentidos, como propõe o pensamento da complexidade. Não se produzem abraços teóricos, diálogos e exercícios de complementaridades, mesmo entre opostos, como se pode esperar de um pensamento compreensivo. Para que servem, então – poder-se-ia perguntar –, pelo menos cem anos de estudos e pesquisas comunicacionais, teorias, escolas, livros, revistas científicas? Não representa absolutamente nada uma quantidade imensa de pesquisadores, autores, centros, grupos e projetos de pesquisa, cursos aos milhares em instituições de ensino superior, faculdades, universidades? E os profissionais todos, de primeiro, segundo e terceiro escalão, produtores de conteúdos, inventores de formatos, desbravadores de novas linguagens midiáticas?

Estariam todos perdendo seu tempo, esses heróis sem causa, os milhares de mestres e doutores que ao longo dos anos se formam, nos mais de quarenta cursos de *stricto sensu* em Comunicação atualmente em funcionamento, só no Brasil? Os 21 encontros nacionais da Compós, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, com seus grupos de trabalho e critérios rigorosos de seleção de textos, não teriam relevância alguma? O que dizer da Intercom, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, com seus mais de trinta anos de congressos nacionais, concorridíssimos? Lixo? *Non sense*? Por certo que não. Tudo somado, tanto as virtudes quanto os vícios dessa

trajetória histórica que, de novo, não teve início ontem, resta a pergunta: Onde a indignação real? Onde o defunto? “Não precisamos de alternativas, mas de um pensamento alternativo de alternativas”, aconselha Santos (2008, p. 22).

Na contramão disso que o sociólogo português, citando Ortega y Gasset, nomeia “pensamento ortopédico” – “o constrangimento e o empobrecimento causado pela redução dos problemas a marcos analíticos e conceptuais que lhes são estranhos” (SANTOS, 2008, p. 15) –, cujas bases epistemológicas possuem como fundamento a “razão indolente” – “que não reconhece e, por isso, desperdiça muita da experiência social disponível ou possível no mundo” (IDEM, p. 20) –, o presente texto, assumidamente ensaístico, aposta na atitude humana e cognitiva da compreensão. Toma, como energia propulsora de um “pensamento alternativo de alternativas”, a ideia de que, vista do vale, a montanha pode ser outra. Questiona: o que acontece se, de repente, o choro e o lamento das carpideiras se cessar, uma vez que não há defunto, para se perceber as possibilidades de compreensão, de diálogo e de esperança, lá onde reinam soberanos a desolação e o desespero? O que acontece se o sujeito atravessa a rua para ver, a partir do outro lado, o lado em que até o momento esteve?

De novo, Boaventura de Sousa Santos (2008, p. 21), corroborando essa linha de raciocínio: “Não há, pois, como fugir à proposta de uma epistemologia que nos permita caminhar no meio de tanta incerteza e que permita ver esta, não como um constrangimento, mas antes como o outro lado da capacitante afirmação de uma insuspeitada e inesgotável diversidade dos saberes e das experiências humanas”.

### **Nossa ciência rigorosa e não afeta ao diálogo**

A ecologia de saberes que no percurso até aqui percorrido se esboça – capacitada a perceber a “insuspeitada e inesgotável diversidade dos saberes e das experiências humanas”, inclusive na Comunicação –, não isenta ela mesma de toda crítica possível e até mesmo desejável, assume por sua vez, com empenho, a crítica ao modelo vigente de pensamento científico que pensa a Comunicação. Mudar o pensamento, o que se constitui numa tarefa “paradigmática, não programática”, no dizer de Morin (2000, p. 35), representa, para esse autor, um dos desafios de todo tamanho para este nosso mundo e esta nossa época. Apresenta-se, para Morin, como um d’*Os sete saberes necessários à educação do futuro*, título de uma de suas obras.

Pensar com, ou pensar compreensivamente, está, pois, distante de poder se confundir com cegueira cognitiva ou com um irresponsável relativismo epistemológico. Nesse sentido, a renúncia sugerida às carpideiras e o simultâneo desejo de responder afirmativamente ao convite a se instaurar “uma epistemologia compreensiva específica para a Comunicação” (SODRÉ, 2006, p. 15)<sup>5</sup> se constroem simbolicamente como urgências no interior do próprio projeto de forte rejeição àquilo que Santos (1989 e 2008) chama de “fascismo epistemológico” e que Sodré (2006) e Maffesoli (2007) entendem como sendo uma “ditadura do conceito” ou “da lógica da razão enquanto domínio universal” (SODRÉ, 2006).

Os acidentes geográficos mais salientes do terreno onde floresce esse pensamento, hoje em crise, podem ser apontados sem grande esforço aqui, com todo o risco que se corre ao se fazê-lo e, também, com toda injustiça que a pressa analítico-interpretativa está em geral condenada a praticar. Reconheçamos: nesse ponto, o pensamento compreensivo pode deslizar suave ou abruptamente para o campo da mais rasa incompreensão.

O reconhecimento do risco não nos impede de perceber a necessidade de se ousar essa ação explicitadora, uma vez que o verdadeiro terrorismo montado ao redor da ideia-chave da ausência do objeto da Comunicação e de definições e metodologias sólidas e robustas, não se dá no vazio. Essa, como qualquer outra formação discursiva ou estrutura de poder, possui seus textos, contextos e pretextos. Há um ambiente e um corpo teórico-epistemológico justificador da síndrome do desalento. Há uma concepção precisa e arraigada de ciência sendo dita, lá onde se denuncia a não-cientificidade dos estudos de Comunicação e a ausência de rigor e de método nessa área. Pensa-se a ciência, na esteira da melhor herança positivista, como forma suprema, quando não única, de produção de conhecimento. Confunde-se ciência e produção de conhecimento.

Não é verdade, argumenta Adorno, “que todo conhecimento possa, potencialmente, ser convertido em ciência”: “A mais simples reflexão sobre a vida da consciência poderia ilustrar sobre quão pouco se pode captar, com a rede conceitual científica, conhecimentos que não são,

---

<sup>5</sup> Sodré (2006, p. 14) tenta interpretar o sentido urgente de uma epistemologia compreensiva no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação: “No campo da comunicação, porém, a mera reiteração do surgimento de uma ‘outra cultura’ vertebrada pelas tecnologias da informação não se faz acompanhar de uma outra atitude epistemológica ou interpretativa – mais compreensiva, menos intelectual-racionalista, capaz de apreender os fenômenos fora da medida universal – para a análise que se pretende chamar de ‘comunicacional’”.

em absoluto, meros palpites desconchavados, meras impressões desconexas” (ADORNO, 1986, p. 172).

Há em todo esse edifício teórico-epistemológico, além disso, um mal dissimulado encanto pelas ciências da natureza. Esse encanto e essa paixão andam aos beijos com a proposição, não raro acrítica e ingênua, de conceitos tão interessantes e úteis para o labor científico quanto abstratos e excludentes, como os de rigor, certeza, objetividade, verdade, “aquela concepção de verdade como algo ‘pronto’, como um jogo hierárquico de conceitos” (ADORNO, 1986, p. 162). É no seio dessa matriz epistemológica que se pensa a Comunicação quando se acionam os mecanismos do choro e da lamentação. Nos domínios da razão não-dialógica e impertinente do cânone da ciência moderna, sobra pouco espaço, se é que sobra algum, para o pensamento alternativo, plural e compreensivo.

Nessa seara de más vontades explícitas e de egos inflados, cita-se, ordinariamente sem se dar crédito, a filosofia grega antiga, segundo a qual a razão aproxima o homem do mais íntimo de si mesmo, da natureza e da divindade. O paradigma religioso-teológico de ciência que daí emerge, associado à ideologia da divina Certeza, da divina Verdade e do divino Bem, revela o melhor de uma atitude humana e cognitiva incompreensiva – que exclui, cria dualismos e reducionismos de toda ordem, não dialoga.<sup>6</sup> Fica, de fato, difícil, dentro das muralhas erguidas ao redor de um saber de tipo universal, sonhar com a possibilidade de uma certa democracia cognitiva: “O universalismo sempre foi o berço do totalitarismo”, aponta Maffesoli (2009, p. 40). Com ele dialoga Adorno, quando, ao defender o ensaio, afirma que esse modo de expressão do conhecimento “sacode a ilusão desse mundo simples, fundamentalmente lógico, que tão bem se coaduna à defesa daquilo que simplesmente já está aí” (ADORNO, 1986, p. 179).

---

<sup>6</sup> Desenvolvo melhor essas noções em “Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam: comunicação, epistemologia e compreensão”, trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação do XIX Encontro da Compós, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, junho de 2010. Para René Descartes, a garantia suprema das evidências-certezas-verdades que ele, por via do Método, procura, “encontra-se, única e exclusivamente, em Deus, que é ‘infinito, eterno, imutável, onisciente, onipotente’, possuidor de ‘todas as perfeições’ que n’Ele se pode notar. (...) Um Deus perfeito e único, todo espírito e todo verdade, é quem cuida, enfim, de oferecer solidez ao conhecimento. Que isso se dê às custas de uma generosa concessão ao dualismo entre corpo e espírito, pensamento e matéria, parece não preocupar a Descartes” (KÜNSCH, 2010, p. 2).

## **Princípios inspiradores do conhecimento compreensivo**

“Menos transcendência, mais humanidade.” O intertítulo de um texto, apresentado por este autor ao GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, em 2010, e já citado neste trabalho, propõe a ruptura com o que ali se chamava de “divinização do conceito”, ou de “dogmatização da verdade”. E trazia, em forma de tópicos, uma série de “dicas”, vamos dizer assim, “para um pensamento epistemológico que, responsável, com certificado de idoneidade científica e ética, se move, um pouco por toda parte, no território da complexidade e da compreensão, da conversação, da democracia cognitiva” (KÜNSCH, 2010, p.12).

Convém ter em conta, nessa proposição, que aqui se amplia com novas perspectivas, o alerta de Adorno sobre a opção pelo ensaio: “Por sua afinidade com a experiência espiritual aberta, ele tem de pagar com aquela falta de segurança que a norma do pensamento institucionalizado teme como se fosse a morte” (ADORNO, 1986, p. 177). A “falta de segurança”, entretanto, não impediu o autor de apresentar quatro propostas afetas ao pensamento compreensivo:

1) A afirmação da “nobreza do ensaio”, como forma de expressão do conhecimento científico, mas não apenas dele. Sem desprezo a outras formas de expressão desse conhecimento, mas, também, sem esconder o fato de que o modelo do rigor absoluto e dos cânones científicos praticados, além de uma possível chatice natural, assumem crescentemente ares de um maior ou menor cansaço.<sup>7</sup>

2) A opção, lúcida e responsável, por “um pensamento inter-, trans-, multidisciplinar” na Comunicação, fazendo jus a uma tradição já antiga na área. Mas é possível e interessante, para além da tradição, pensar o papel da Comunicação como promotora de diálogos e de pontes entre disciplinas, saberes plurais e até indisciplinas, atendendo a uma sua vocação precípua, que é justamente a de se comunicar e de auxiliar no estabelecimento de vínculos comunicativos. Citava-se Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2008, p. 15-16), quando ela diz que “a transdisciplina, além de quebrar e abrir as disciplinas, também as transborda pelo estabelecimento de relações cada vez mais densas

---

<sup>7</sup> Ver, sobre esse assunto, de Künsch e Carraro, “A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e arrogância do discurso científico dominante”, trabalho apresentado a este mesmo GP de Teorias da Comunicação durante o XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011).



não somente entre ciências humanas e sociais, mas das ciências com as artes, com a literatura, com a experiência comum, com a intuição, com a imaginação social”.

3) A ruptura com um modelo de pensamento de tipo ontológico, universal e abstrato, que se propõe a definir e a explicar o tempo todo e tudo, deve conduzir o pesquisador à percepção de que, no caso do objeto da Comunicação, a conversa acadêmica é, antes, sobre “um objeto em movimento”. Lucrecia Ferrara se refere a uma “radical indeterminação” na definição do objeto da Comunicação. Sugerindo menos certezas e mais indagações no movimento à procura do objeto, ela pergunta se não seria possível “pensar em uma epistemologia em constante revisão e atualização dos seus paradigmas” (FERRARA, 2008, p. 40).

4) É possível “diferenciar sem opor”, e, no seguimento das ideias de Heráclito, pensar na complementaridade dos opostos. “O pensamento construído sobre a base de certezas científicas e epistemológicas (...), além de não-dialógico, não-democrático, não-compreensivo, traz, sim, em si, algo ou muito daquela violência a que se refere Maffesoli, e que Sodré (2006) chama de ‘ditatorial’” (KÜNSCH, 2010, p. 14).

E concluía-se:

Fugindo à divinização, teologização, à dogmatização do conceito, das teorias, das disciplinas, é possível, com menos sisudez e, até, com menos rancor, colocar-se ao lado e à altura dos que se alegram com as promessas – não receitas – de um pensamento compreensivo. Porque, se algo vem acompanhado com o selo irretocável da verdade, não há bem o que debater e discutir. Nem ciência é (IDEM, p. 14).

### **Do conhecimento pertinente e da douda ignorância**

Dialoga com a perspectiva teórico-epistemológica, aqui em rápidas linhas discutida, o trabalho intitulado “Pela adoção da perspectiva da pertinência em pesquisas comunicacionais”, de Carlos Alberto de Carvalho e Leandro Lage, apresentado ao Grupo de Trabalho de Epistemologia da Comunicação da Compós, em Juiz de Fora, MG, no mês de junho de 2012. A pergunta de fundo poderia ser expressa do seguinte modo, já fazendo o texto dos dois autores mineiros conversar diretamente com esta nossa proposta: o que acontece quando aquilo que a cultura das carpideiras vê como objeto de pranto e lamento, na Comunicação, passa a ser visto, com idêntico direito, sob o prisma da riqueza e da diversidade das pesquisas comunicacionais?

Carvalho e Lage (2012, p. 1), compreensivamente, negando legitimidade absoluta ao positivismo, propõem a pertinência como “noção balizadora das pesquisas em comunicação”. Eis aí mais um princípio, que podemos incorporar aos já indicados, estimulador de uma mudança do pensamento, de uma passagem do signo dominante da explicação para o signo da compreensão.

A aposta na pertinência da pertinência nos remete ao pensamento da complexidade de Morin – o complexo como o que tece e entretece em conjunto –, que associa a pertinência, num sentido muito próximo ao que está sendo aqui discutido, a um dos “sete saberes necessários à educação do futuro” (cf. MORIN, 2000, p. 35-46). O conhecimento pertinente, descreve esse autor, prioriza a “aptidão para organizar o conhecimento”, pois “existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários” (MORIN, 2000, p. 35-36).<sup>8</sup>

Trabalhando com a noção de “soluções possíveis”, e não com a da permanente e ilusória expectativa da elaboração de “critérios inequívocos” e de fim de toda dúvida no mundo do conhecimento, Carvalho e Lage (2012, p. 2) consideram que as perguntas que o pensamento científico convencional têm proposto “parecem, ao contrário de levar a boas respostas, ter criado determinados impasses”:

Em grande medida como consequência da ansiedade em ser considerado um campo científico, os investimentos de pesquisas comunicacionais muitas vezes se viram na mesma armadilha de outros campos das humanidades: encontrar instrumentos metodológicos e refinamento teórico que lhes garantisse, à maneira das ciências naturais, a mesma acuidade supostamente permitida por critérios de definição com fundamento estatístico, mas, sobretudo, com capacidade de explicação racional para além da presença dos pesquisadores, meros organizadores de dados que não afetam nem seriam afetados por suas paixões e visões de mundo. Enfim, uma entidade capaz de agir de forma neutra diante de percursos e resultados (CARVALHO e LAGE, 2012, p. 2).

É nesse sentido que os autores propõem “a noção de pertinência como parte de um esforço de tentar evitar concepções teóricas e metodológicas que possam sugerir algo

---

<sup>8</sup> “Contrariamente à opinião difundida, o desenvolvimento de aptidões gerais da mente permite melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas. Quanto mais poderosa é a inteligência geral, maior a sua faculdade de tratar de problemas especiais. A compreensão dos dados particulares também necessita da ativação da inteligência geral, que opera e organiza a mobilização dos conhecimentos de conjunto em cada caso particular” (MORIN, 2000, p. 39).

próximo de uma panaceia para as questões epistemológicas das investigações comunicacionais” (IDEM, p. 3).

Não convém que a proposta seja vista ou interpretada como renúncia ao rigor e à possibilidade de produção de conhecimento relevante, ou como abdicação do espírito. Não é disso que se trata, e, sim, como o texto deixa claro, de uma atitude mental ou modo de investigação que permite apreender melhor a riqueza assente na área.

A noção de pertinência, por sua vez, naquilo que ela possui de promissor e de necessidade de novos aprofundamentos – o que, aqui, nem o tempo nem o espaço permitem –, pode ser aproximada a mais uma das noções, princípios, ou, simplesmente dicas para um movimento na direção de um pensamento compreensivo. Trata-se da noção de “douta ignorância”, de Nicolau de Cusa, que remete por sua vez, e de alguma forma, à ideia socrática de que a sabedoria consiste na consciência de saber que nada se sabe. Maffesoli retoma o assunto em *O conhecimento comum* (2007, p. 87):

Desse modo, fazendo-se referência à ‘douta ignorância’ de Nicolau de Cusa, pode-se dar ênfase à necessidade ou à realidade de uma verdade localizada. O Universal é contraditado pela existência de uma multiplicidade de singularidades; da mesma forma, uma pluralidade de representações poderá, no plano dos fatos, curto-circuitar um saber avassalador e generalizante.

O mesmo pensamento é partilhado por Boaventura Sousa Santos, quando ele igualmente aponta para a importância do princípio da douta ignorância “frente à inesgotável diversidade do mundo”, por “mundo” entendendo-se também a área muito ampla onde conhecimentos de várias ordens entre si disputam alguma verdade possível sobre o real e a vida. A douta ignorância, esclarece o autor, não deve ser confundida com a ignorância ignorante. Esta, na visão do próprio Nicolau de Cusa, “não sabe sequer que ignora”, enquanto a douta ignorância “sabe que ignora e o que ignora”. Portanto, a contradição entre a sabedoria que o adjetivo “douta” indica e a ignorância que se lhe opõe é apenas “aparente, já que ignorar de maneira douta exige um processo de conhecimento laborioso sobre as limitações do que sabemos” (SANTOS, 2008, p. 25).

A percepção da infinitude divina, objeto das preocupações de Nicolau de Cusa, quando transposta para o campo da realidade objetiva e, em nosso caso específico, da Comunicação, chama para a humildade do conhecimento, lembra Santos. “Contudo, a humildade não significa negatividade ou cepticismo”, ele afirma: “O facto de não ser possível atingir a verdade com precisão não nos dispensa de a buscar. Ao contrário, o que

está para além dos limites (a verdade) comanda o que é possível e exigível dentro dos limites (a veracidade), enquanto busca da verdade” (SANTOS, 2008, p. 26).

O espírito que move a douta ignorância, evocado por Nicolau de Cusa no século XV (a obra *A douta ignorância* foi escrita entre 1438 e 1440) antecipa, como lembra Santos (2008, p. 25) em cinco séculos o princípio da incerteza, de Heisenberg. Não por acaso, o enfrentamento das incertezas é outro dos sete saberes necessários à educação do futuro, na visão de Morin (cf. 2000, p. 79-92). Vem junto com o ensino da compreensão (cf. MORIN, 2000, p. 93-104), que o autor avalia como uma “missão propriamente espiritual da educação” (IDEM, p. 93).

É digno de nota que Nicolau de Cusa, teólogo e bispo católico que viveu no auge da Escolástica, ou seja, de um paradigma filosófico-cristão de recorte fundamentalmente aristotélico, junto com o pensamento da douta ignorância, tenha sido também o mesmo a propor o princípio da “coincidentia oppositorum”, que remonta de forma muito particular a Heráclito, na Antiguidade, princípio esse, o da complementaridade dos opostos, que pode igualmente inspirar um pensamento comunicacional de caráter compreensivo.

### **Ainda a compreensão, ou sobre o despropósito do ensaio**

O ensaio, na visão de Adorno (1986, p. 168), “não começa com Adão e Eva, mas com aquilo de que quer falar; diz o que lhe ocorre, termina onde ele mesmo acha que acabou e não onde nada mais resta a dizer: assim, ele se insere entre os despropósitos”. Distinguindo entre “conhecimento e ciência organizada”, dando crédito àquilo que, não ostentando “a dignidade do universal, do permanente”, acaba por não ser tolerado por essa mesma ciência, e, ainda, na mesma linha, atento ao fato de que “na alergia contra as formas tomadas como meramente acidentais o espírito científico aproxima-se do espírito teimosamente dogmático”, o texto de matriz ensaística admite como possível que, “naquilo que é enfaticamente ensaio, o pensamento se libera da ideia tradicional de verdade” (ADORNO, 1986, p. 167, 168, 169 e 175, respectivamente).

“O ensaio desafia suavemente o ideal da percepção clara e distinta e também o da certeza livre da dúvida” (ADORNO, 1986, p. 177), e nisso se aproxima do pensamento compreensivo, que, na Comunicação, abre para o debate e a negociação de sentidos, tanto próximos como real ou supostamente distantes entre si. Põe em conversação teorias afins e

não afins. Enxerga complementaridades onde a razão triunfalista distingue, separa e exclui. Valoriza mais as perguntas, que o gênio humano inquieto propõe, que as teorias que lhe servem de suporte na ousadia das respostas, sempre parciais, servindo como base para outras perguntas. Não compactuando com o erro e a incompreensão, os compreende e valoriza, humanos que são, mas também porque a verdade possível, nesse pensar aberto e em rede, sabe que o erro, as sombras, a não-verdade falam, dizem, significam, ensinam.

Sem garantias de um conceito abrangente e total – um pensamento, enfim, com “mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais”. Compreensivamente nobre, “o ensaio não merece *a priori* a alcunha de não-científico”: “Pode, em vez disso, representar a postulação de uma atitude cognitiva que se faz e refaz na busca, nas vírgulas e nas reticências, mais que nos pontos finais. No ‘talvez’, mais que no ‘portanto’. Na compreensão, mais que na explicação”, como escrevi em outro texto (KÜNSCH, 2009, p. 44). Pedindo licença a Descartes, o “cogito ergo sum” talvez mereça ser referido, nessa visão, como “compreendo ergo sum”. O ser da ciência e da Comunicação assume seu estatuto de dignidade nas relações que cria e estabelece entre saberes, disciplinas, problemas, objetos e teorias – comunicativamente –, na soma mais que na subtração, e não no estabelecimento arrogante de distinções e no cultivo o mais das vezes perverso de dualismos e de reducionismos teóricos.

“A compreensão”, expõe Hannah Arendt, “é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos”. Para ela, a compreensão “é uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e a uma conciliação com a realidade, isto é, tentamos sentir o mundo como nossa casa” (ARENDDT, 2008, p. 330). A dificuldade e os percalços todos nos caminhos da compreensão não a desqualificam, antes a qualificam como humana:

Compreender é infindável e, portanto, não pode gerar resultados definitivos. É a maneira especificamente humana de viver, pois todo indivíduo precisa se sentir com conciliado com um mundo onde nasceu como estranho e onde sempre permanece como estranho, na medida de sua singularidade única (ARENDDT, 2008, p. 331).

Na analogia do sentimento do mundo como a casa de todos encontra-se a aproximação entre os temas da compreensão e da ética. A abertura de mais esse flanco de discussão e debate nos leva novamente ao texto de Adorno sobre o ensaio, que “não tem fecho” (ADORNO, 1986, p. 181): a sensação de que a consciência científica hegemonicamente fundada no universalismo das ideias e na razão abstrata “sempre foi

inimiga da felicidade”. A liberdade de espírito que o ensaio evoca retoma para o pensamento o princípio do prazer. À medida que o ensaio “reflete como que sem violentar o objeto, ele se queixa, silenciosamente, de que a verdade traiçoeira a felicidade e, com isso, também a si mesma; e esse lamento suscita a ira contra o ensaio”, sublinha o autor (1986, p. 185).

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel. **Theodor Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.

ARENDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CARVALHO, Carlos Alberto de e LAGE, Leandro. Pela adoção da perspectiva da pertinência em pesquisas comunicacionais. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação do XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, junho de 2012.

FERRARA, Lucrecia D’Aléssio. Radical indeterminação: epistemologia e objeto científico da comunicação. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” do XVII Encontro da Compós. São Paulo, SP, jun 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução a uma sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, mar 2008, p. 11-43.

KÜNSCH, Dimas A. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, v. 12, n. 24, dez 2009, p. 41-50.

KÜNSCH, Dimas A. Do conceito de um Deus perfeito e único a teorias que não dialogam. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação do XIX Encontro da Compós, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, junho de 2010.

KÜNSCH, Dimas A. e CARRARO, Renata. A comunicação sob o signo da compreensão: o protesto do ensaio contra a chatice e arrogância do discurso científico dominante. Trabalho apresentado ao GP Teorias da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011).

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. 2ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. Trabalho apresentado ao GT “Epistemologia da Comunicação” durante o XVI Encontro da Compôs. Curitiba, PR, jun 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição. São Paulo:Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A república dos bons sentimentos**. São Paulo: Iluminuras / Itaú Cultural, 2009.